

# Theologica Lusitana

## VESTÍGIOS DE MILENARISMO EM ALCOBAÇA?

O *Códice Alcobacense 164* da Biblioteca Nacional de Lisboa consta na realidade de dois documentos, escritos por mão diferente, com numeração independente. O primeiro, de 25 fólhos, é um *Antifonário da Missa*, contendo as principais festas do ano, dos fins do séc. XIII. O segundo, com 7 fólhos apenas, contém um *Hinário* e *Antifonário do Ofício* para a Hora de *Tércia*, uma ladainha (fól. 5 v.), algumas orações de preparação para a comunhão, formulários de aspersão da água lustral aos domingos, uma colecta sálmica (fól. 7 v.: *Hec oratio debet dici post septem psalmos*) e uma fórmula de absolvição sacramental (*Talis absolutio debet fieri a confessore, super sibi confitentem*), com que termina. Este manuscrito é já do séc. XIV.

No seu estado actual, o código contém ainda mais quatro fólhos, de mãos diferentes, sem numeração: dois no princípio e dois no fim. Só os dois últimos têm notação musical. O último está colado à capa <sup>1</sup>.

As orações de preparação para a Comunhão, integradas no segundo código (fól. 6 v.-7 da numeração actual, correspondente aos fól. 31 v.-32 da numeração contínua), são extremamente interessantes. Há uma, sobretudo, que merece especial atenção:

*Hec oratio debet dici ante communionem sanctam et est ualde bona.*

Domine Iesu Christe,  
fac me digne manducare  
corpus tuum salutare.  
Ira tua ne me grauet,  
sanguis tuus sic me lauet  
extra corpus et in corde  
a peccatis et a sorde,  
ut dum instet hora mortis  
angelus tuus adsit fortis  
a te datus in custos  
qui me locet inter iustos.  
Mors sic carnem meam frangat,  
mors secunda non me tangat.  
Licet caro computrescat  
spiritus in te requiescat,  
ut dum resurgam te uisurus  
semper tecum permansurus  
per infinita secula seculorum. Amen <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Sobre este manuscrito, ver A. F. DE ATAÍDE E MELO, *Inventário dos Códices Alcobacenses*, Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa 1930, p. 134.

<sup>2</sup> Lisboa, B. N. *Cod. alc. 164*, fol. 7, 2.ª numeração.

Esta sugestiva *prosa* levanta naturalmente dois problemas: um sobre a sua origem; outro sobre a sua interpretação. Será este texto inédito? Teria ele sido composto em Alcobaça? Que significará a expressão *mors secunda*? Deverá ser interpretada como resto de milenarismo na espiritualidade dos monges?

Não encontramos até hoje esta composição em nenhum livro litúrgico, nem tão pouco nas grandes colectâneas de hinologia medieval de C. BLUME — G. M. DREVES e U. CHEVALIER. V. LEROQUAIS não assinala este texto em nenhum dos seus conhecidos catálogos de manuscritos das Bibliotecas públicas de França. Não podemos daí concluir, evidentemente, que se trata de uma composição inédita e muito menos afirmar que foi redigida em Alcobaça. Uma coisa, porém, é certa: esta oração era conhecida dos monges de Alcobaça. E importa ter em conta este facto, quando se fizer a história da espiritualidade monástica do nosso país.

Que sentido dar à súplica: *mors secunda non me tangat*? Deverá ser considerada como um vestígio de milenarismo? Como é sabido, o milenarismo tem a sua origem na má interpretação duma passagem do Apocalipse (*Apoc. 20, 4-6*). Aí fala S. João da *primeira ressurreição* e da *segunda morte*; e, entre as duas, um reino de mil anos. Trata-se de linguagem simbólica, devendo a *segunda morte* ser entendida como a morte eterna dos condenados. Mas houve quem interpretasse esta passagem em sentido realista e tal escatologia seduziu espíritos tão brilhantes como Tertuliano, S. Ireneu, S. Ambrósio e mesmo S. Agostinho em certo período da sua vida, como ele próprio confessa<sup>3</sup>. O milenarismo teve a sua influência na prece da Igreja. Encontram-se vestígios dele em todas as liturgias ocidentais, nomeadamente nas liturgias galicana e hispânica. D. BOTTE, num penetrante estudo<sup>4</sup>, demonstrou que tais expressões pertencem ao fundo mais antigo dessas liturgias, remontando provavelmente aos séc. IV-V. Aos textos aduzidos por D. BOTTE poderíamos acrescentar outros, como por exemplo este do ritual de reconciliação dos penitentes em Quinta-Feira Santa<sup>5</sup>, que chegou até nós no *Pontifical Romano*:

Deus humani generis benignissime conditor et misericordissime reformator [...] Moveat pietatem tuam fletus iste merorum, tu eorum medere vulneribus, tu benignam iacentibus manum porrige, ne ecclesia tua aliqua sui corporis portione privata temeretur, ne grex tuus detrimentum sustineat, ne de familiae tuae dampno inimicus exultet, ne renatas lacrimis salutaribus animas secunda mors possideat. [...]

Esta oração pertence ao fundo mais antigo da liturgia romana, pois encontra-se no *Sacramentário Gelasiano*<sup>6</sup>, tendo sido retomada por S. Bento

<sup>3</sup> *De civitate Dei*, XX, 7, 1.

<sup>4</sup> D. B. BOTTE, *Prima resurrectio. Un vestige de millénarisme dans les liturgies occidentales*, «Recherches de Théologie ancienne et médiévale», XV (1948), pp. 1-17.

<sup>5</sup> Sobre a natureza deste ritual, ver A. CHAVASSE, *Le Sacramentaire Gelasien*, Desclée & Cie, Paris 1958, pp. 149-150.

<sup>6</sup> L. C. MOHLBERG, *Liber Sacramentorum Romanae Aeclesiae ordinis anni circuli* (*Cod. Vat. Reg. lat. 316 — Sacramentarium Gelasianum*), Herder, Roma 1960, n.º 358, p. 57.

de Aniane no *Suplemento ao Sacramentário Gregoriano*<sup>7</sup> e depois integrada no *Pontifical Romano-Germânico* do séc. x<sup>8</sup>, donde passou para o *Pontifical Romano* do séc. xii<sup>9</sup> e seus descendentes até hoje.

A mesma expressão aparece também em textos que nada têm de tradicional, em preces até de carácter popular, como esta ladainha inédita dum ritual do séc. xi-xii<sup>10</sup>, que se encontra na Biblioteca Vaticana, *Arch. S. Pietro H 58*, fol. 10 v.:

.....  
 ab omni malo  
 ab ira tua  
 a furore tuo  
 a culpis multis  
 a diebus malis  
 a subitanea morte  
 a repentina morte  
 a morte secunda  
 a morte perpetua  
 per aduentum tuum  
 .....

O texto citado do Pontifical Romano não fala de *primeira ressurreição*, mas só de *morte segunda*. Esta expressão não significa necessariamente vestígio de doutrina milenarista. Interpretada no contexto equivale a *morte eterna*. O vestígio de milenarismo está apenas na terminologia, no emprego da expressão *morte segunda*, a menos que esta seja simplesmente o eco da leitura do Apocalipse<sup>12</sup>. O mesmo se poderá dizer, pensamos nós, da *prosa* de Alcobaça. Nem por isso esta deixa de ter interesse para a história da espiritualidade portuguesa. Ela mostra, pelo menos, a influência do Apocalipse na vida e na eucologia dos monges de Alcobaça.

JOAQUIM O. BRAGANÇA

<sup>7</sup> J. DESHUSSES, *Le Sacramentaire Grégorien. Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits*, Éditions Universitaires, Fribourg 1971, n.º 1 385, p. 453.

<sup>8</sup> C. VOGEL — R. ELZE, *Le Pontifical Romano-Germanique du dixième siècle*, Le Texte, II, Città del Vaticano, 1963, p. 64.

<sup>9</sup> M. ANDRIEU, *Le Pontifical romain au Moyen-Âge*, Tom. I, *Le Pontifical Romain du XII<sup>e</sup> siècle*, Città del Vaticano 1938, p. 217.

O texto reproduzido é deste documento.

<sup>10</sup> Sobre este manuscrito, ver P. SALMON, *Les manuscrits liturgiques latins de la Bibliothèque Vaticane*, II, *Sacramentaires Épistoliers Évangéliques Graduels Missels*, Città del Vaticano 1969, n.º 240, p. 106.

IDEM, *Les manuscrits liturgiques latins de la Bibliothèque Vaticane*, III, *Ordines romani Pontificaux Rituels Cérémoniaux*, Città del Vaticano 1970, n.º 149, p. 60.

<sup>11</sup> Sobre a interpretação desta expressão, nomeadamente em S. Agostinho, ver A. PLUMBE, *Mors secunda*, «Mélanges J. de Ghellinck», tom. I, Éd. J. J. Duculot, Gembloux 1951, pp. 387-403.

<sup>12</sup> O Apocalipse fala mais duas vezes de *morte segunda* (*Apoc. 2, 11; e 20, 14*) no sentido de condenação eterna.